

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

Active methodologies in education: dialogical conceptions in the process of human emancipation

Carmita Luzia Tomaz
Universidade Federal do Vale do São Francisco
Tanque Novo- Brasil

Fabrício Carvalho da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
Teresina-Brasil

Resumo

A educação desempenha um papel fundamental na transformação social e na promoção da liberdade, mas também pode ser alvo de forças que buscam manter estruturas de dominação. Nesse cenário, metodologias ativas emergem como estratégias essenciais para combater a alienação e fortalecer a autonomia dos estudantes, colocando-os como protagonistas do próprio aprendizado. Este estudo analisa a relação entre metodologias ativas e educação emancipadora, destacando como essas abordagens pedagógicas favorecem o desenvolvimento de habilidades crítico-reflexivas e a formação de sujeitos autônomos. Por meio de uma pesquisa qualitativa baseada em revisão bibliográfica, discute-se como a educação pode ser um meio efetivo para a emancipação humana e a superação de práticas educativas que reforçam desigualdades. O estudo aponta para a necessidade de repensar os processos de ensino-aprendizagem, promovendo práticas pedagógicas que fomentem a participação ativa dos alunos e a construção de um conhecimento significativo.

Palavras-chave: Educação; Prática emancipadora; Metodologias ativas.

Abstract

Education plays a fundamental role in social transformation and the promotion of freedom, yet it can also be targeted by forces seeking to maintain structures of domination. In this context, active methodologies emerge as essential strategies to counter alienation and strengthen students' autonomy, positioning them as protagonists in their own learning process. This study analyzes the relationship between active methodologies and emancipatory education, highlighting how these pedagogical approaches foster the development of critical-reflective skills and the formation of autonomous individuals. Through a qualitative study based on bibliographic review, the research discusses how education can effectively contribute to human emancipation and the overcoming of educational practices that reinforce inequalities. The study emphasizes the need to rethink teaching and learning processes, promoting pedagogical practices that encourage students' active participation and the construction of meaningful knowledge.

Keywords: Education; Emancipatory practice; Active methodologies.

Introdução

É amplamente reconhecido que o modelo de educação tradicional, marcado por práticas predominantemente mnemônicas e expositivas, nas quais o docente assume uma posição unicamente transmissora de saberes, enquanto o discente se vê relegado a uma posição passiva e submissa, não atende mais às complexas demandas da sociedade contemporânea. Este modelo, que perpetua a ideia de uma sala de aula homogênea e rígida, na qual os papéis dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem são previamente estabelecidos e imutáveis, trata o aluno como um recipiente vazio, pronto para ser preenchido com informações externas, sem considerar suas experiências, saberes prévios ou capacidades críticas.

De acordo com as reflexões de Paulo Freire (2015), essa concepção pedagógica não só se revela insuficiente, como também desatualizada, uma vez que ela não está em consonância com a função transformadora que a educação deve desempenhar na sociedade, tampouco com a realidade do mundo do século XXI, onde o conhecimento é plural e dinâmico.

O ensino tradicional, enraizado na visão de uma educação unidirecional, que ignora a diversidade e a complexidade das realidades de seus alunos, não é mais capaz de preparar os estudantes para os desafios de uma sociedade que se caracteriza pela pluralidade de saberes, pela constante transformação tecnológica e pela exigência de protagonismo social e político. A educação não pode mais ser encarada apenas como um processo de simples transmissão de conteúdos, mas como um meio de promoção da autonomia, da reflexão crítica e da emancipação, em um movimento que busca a superação das formas de alienação e subordinação que ainda permeiam as estruturas sociais e educacionais.

Portanto, é imprescindível que a educação contemporânea seja repensada e reconfigurada, sendo necessária a criação de ambientes educativos dinâmicos, interativos e construtivos, nos quais os alunos assumam um papel ativo e autônomo no processo de construção de seus próprios saberes. Essa reconfiguração implica a adoção de metodologias pedagógicas que favoreçam o protagonismo dos estudantes, estimulando sua criatividade e sua capacidade de análise crítica, em uma aprendizagem que transcenda a simples reprodução de conhecimentos. As metodologias ativas, ao incorporar práticas de ensino que incentivam o “aprender fazendo”, são especialmente relevantes nesse contexto. Elas se alicerçam nas propostas pedagógicas de grandes pensadores do movimento da Escola Nova, como John Dewey, cujas contribuições ainda ressoam fortemente na educação

contemporânea, defendendo um ensino que seja mais próximo da vida real e das necessidades dos sujeitos.

Neste contexto, surge uma questão central, que perpassa o debate educacional contemporâneo: qual é a relação entre as metodologias ativas e a educação enquanto um processo de emancipação humana? O presente artigo se propõe a investigar essa relação, visando entender de que maneira essas metodologias podem contribuir para a promoção da liberdade e da autonomia dos sujeitos, alinhando-se aos ideais emancipatórios que fundamentam uma educação crítica e transformadora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se embasa na análise de obras teóricas que abordam tanto as metodologias ativas quanto a educação como instrumento de emancipação.

A relevância deste estudo repousa no fato de que ele se debruça sobre uma temática que se mostra cada vez mais pertinente e atual. Em um cenário educacional que se encontra em constante transformação, os educadores e as políticas públicas têm demonstrado crescente interesse em adotar metodologias inovadoras, que não apenas aprimorem os métodos de ensino, mas também favoreçam o desenvolvimento de competências críticas, reflexivas e criativas nos alunos.

O artigo está estruturado em quatro seções principais. A primeira seção descreve os aspectos metodológicos da pesquisa, detalhando o percurso seguido na análise das produções bibliográficas relevantes sobre o tema. A segunda seção, intitulada “Educar para emancipar o sujeito: uma concepção freiriana”, discute a visão de Paulo Freire sobre a educação como meio para a emancipação, destacando a importância de uma pedagogia que vá além da mera instrução, mas que seja capaz de despertar nos educandos sua capacidade de ação crítica e transformadora. Na sequência, a terceira seção apresenta os resultados da pesquisa, correlacionando as abordagens das metodologias ativas com os princípios da educação emancipatória, conforme discutido pelos autores estudados. Por fim, a quarta seção, dedicada às considerações finais, sintetiza as principais observações sobre as interconexões entre as metodologias ativas e a educação emancipadora, ressaltando suas implicações práticas e teóricas.

Aspectos metodológicos

A pesquisa está alicerçada em uma abordagem qualitativa, conforme definido por Minayo (2001, p. 22), que afirma que esse tipo de pesquisa “trabalha com o universo dos

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

O uso da pesquisa qualitativa se mostra adequado para esse estudo, pois possibilita a análise dos processos pedagógicos de maneira detalhada e subjetiva, enfocando o impacto das metodologias ativas no processo de emancipação humana e no desenvolvimento crítico dos estudantes.

A pesquisa caracteriza-se também como um estudo de base bibliográfica, que, conforme Gil (2002), envolve diversas etapas cruciais, como a escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração de um plano provisório, busca das fontes, leitura e fichamento do material, organização lógica do conteúdo e redação do texto. Esse processo sistemático permite uma análise profunda e organizada da literatura existente, contribuindo para o embasamento teórico sólido da pesquisa.

Na escolha das fontes bibliográficas, foram adotados critérios rigorosos para garantir a relevância e a qualidade acadêmica dos materiais selecionados. O levantamento das fontes iniciou-se com a pesquisa de livros e artigos especializados sobre metodologias ativas e educação emancipatória. A partir disso, a seleção das fontes foi aprimorada com a leitura dos títulos e resumos, a fim de verificar a adequação ao tema proposto.

Quando a pesquisa envolvia fontes digitais, utilizou-se palavras-chave como “metodologias ativas”, “educação emancipadora” e “autonomia crítica”, com o objetivo de identificar artigos acadêmicos, dissertações e teses que tratassem da interrelação entre esses conceitos. A pesquisa foi realizada em plataformas acadêmicas renomadas, acervos e repositórios de estudos acerca do tema.

Além disso, a pesquisa seguiu o método de análise qualitativa das fontes selecionadas, no qual a leitura cuidadosa e o fichamento das ideias centrais foram etapas fundamentais para a organização do conteúdo. O fichamento possibilitou uma visão mais detalhada sobre as contribuições de cada autor e permitiu estabelecer um diálogo teórico com as ideias apresentadas ao longo da pesquisa. A partir dessa leitura crítica, foi possível identificar as principais linhas de pensamento que relacionam as metodologias ativas à educação emancipatória, destacando os pontos de convergência e divergência entre os autores.

A pesquisa de base bibliográfica e a análise qualitativa das fontes permitiram uma reflexão profunda sobre o impacto das metodologias ativas no processo de ensino-

aprendizagem. A abordagem metodológica adotada na pesquisa possibilitou a construção de um quadro teórico robusto e fundamentado que, ao ser dialogado com a literatura existente, ampliou o entendimento sobre as metodologias ativas e suas implicações pedagógicas.

Educar para emancipar o sujeito: uma concepção freiriana

De acordo com Martins (2005), o termo “educação”, originado do latim “educare”, que significa nutrir, criar e fazer crescer, carrega uma conotação epistemológica de “trazer à luz a ideia”. A palavra “emancipar”, conforme o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (2010, p. 691), define-se como “eximir do poder paterno ou da tutela (uma pessoa de menor idade)”. Em sentido figurado, significa libertar, isentar, conforme a origem latina do termo “emancipare”.

Essas definições interagem diretamente com a concepção de Paulo Freire sobre a educação enquanto instrumento de emancipação humana. Nesse contexto, o ato de educar ultrapassa o simples transmitir de conhecimento ou a instrução dos saberes acumulados pelas ciências. A ação educativa, conforme Freire (1967) argumenta, deve ser direcionada ao serviço da liberdade humana. A verdadeira liberdade se dá de forma progressiva, à medida que o indivíduo conquista sua autonomia, desenvolve a capacidade de reflexão crítica e passa a enxergar além do que é visível à simples observação. Essa competência resulta de um processo educacional que vai além do aprendizado superficial, direcionando-se para uma aprendizagem profunda, significativa, verdadeira e consciente.

Considerado o patrono da educação brasileira e principal defensor da educação como princípio emancipatório, é necessário revisitar a trajetória de Paulo Freire, a fim de compreender mais plenamente seu impacto no pensamento pedagógico contemporâneo. Acredita-se que, dessa maneira, a apreensão do tema em discussão se tornará mais precisa e enriquecedora.

Paulo Reglus Neves Freire, nascido em 1921, em Recife, Pernambuco, esteve intimamente ligado à luta pelos direitos educacionais dos indivíduos. Conhecido por seu ativismo em prol da emancipação das camadas sociais marginalizadas e excluídas do progresso socioeconômico, Freire iniciou sua carreira educacional nos anos 1940, como professor de Língua Portuguesa (Nunes; Santclair; Silva, 2021).

Um dos maiores marcos de sua trajetória foi sua contribuição para a alfabetização de adultos. Como Diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife,

Freire protagonizou a ação mais significativa de sua carreira ao alfabetizar, em um período de 45 dias, cerca de 400 cortadores de cana na cidade de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte. O método empregado por ele baseava-se na observação da realidade concreta dos alunos, com o intuito de torná-los protagonistas de sua própria aprendizagem. Esse feito destacou Freire no cenário educacional brasileiro, principalmente em um momento em que a educação se tornava uma das questões mais urgentes no contexto do governo do presidente João Goulart (Costa, 2016).

O método freiriano ganhou destaque durante a década de 1960, quando a educação brasileira se encontrava em um estágio de decadência, conforme demonstravam os alarmantes índices de analfabetismo no país. O governo brasileiro, ciente da importância da educação para o desenvolvimento social e econômico, viu no método de Freire uma estratégia eficiente para combater o analfabetismo e, ao mesmo tempo, almejar as metas de progresso que outras nações já haviam conquistado.

O sucesso da proposta, respaldado por investimentos financeiros, fez com que o método de alfabetização de Paulo Freire fosse incorporado ao Plano Nacional de Educação e até exportado para outros países (Nunes; Santclair; Silva, 2021). Contudo, com o golpe militar de 1964 e a subsequente instauração da Ditadura Militar no Brasil, o cenário político instável e a pressão das elites locais resultaram na interrupção de projetos educacionais progressistas. O regime militar, com seus ideais conservadores, elitistas e autoritários, interrompeu o projeto de emancipação popular promovido por Freire, substituindo-o por concepções educacionais que visavam, ao contrário, perpetuar a alienação dos sujeitos.

A compreensão da educação como um processo libertador, à semelhança do que propõe Paulo Freire, extrapola a simples transmissão de conhecimentos e remete a um engajamento profundo com a realidade social e política. Esse olhar crítico sobre a educação reflete um desafio permanente em lidar com a escola como espaço de reprodução e transformação social. A questão central, ao refletirmos sobre as metodologias ativas e o papel da educação na emancipação humana, reside na noção de que a escola não deve ser entendida apenas como um espaço formal de aprendizagem de conteúdos acadêmicos, mas como um terreno para a conscientização e para a formação integral dos sujeitos.

A construção da consciência crítica, conforme proposta por Freire, não se dá apenas por meio da interpretação e análise de textos ou da aprendizagem de teorias estabelecidas, mas por meio da vivência e da inserção ativa do educando na sociedade em que está inserido.

Neste contexto, a pedagogia freiriana coloca a experiência do aluno e suas vivências cotidianas como ponto de partida para o processo educativo. Esse movimento de ressignificação da educação pressupõe uma mudança nas relações de poder dentro da sala de aula, rompendo com a tradicional estrutura vertical em que o professor detém todo o saber e o aluno é apenas um receptor passivo.

A educação, assim, torna-se um instrumento de reflexão e transformação, pois, ao envolver o aluno de maneira ativa no processo, ela propõe uma inversão da relação de poder, tornando o educando não apenas sujeito de aprendizagem, mas também de questionamento e mudança social. A prática educativa, conforme o entendimento de Freire, implica uma constante reconstrução de sentidos sobre o mundo e sobre o papel de cada um na sociedade. Isso nos leva a um entendimento mais profundo de emancipação, que não se limita à liberdade de expressão ou à capacidade de questionar, mas se expande para o exercício da cidadania plena, em que o sujeito tem autonomia não apenas para refletir, mas também para agir sobre as estruturas que o oprimem.

Complementando essa visão, Libâneo (2012) destaca que a democratização do ensino não se resume à ampliação do acesso à escola, mas envolve a garantia de um ensino de qualidade, capaz de promover a autonomia intelectual dos estudantes. Para o autor, “a escola deve articular o ensino dos conteúdos com a formação crítica do aluno, permitindo que ele compreenda sua realidade e atue sobre ela de forma transformadora” (Libâneo, 2012, p. 78). Essa perspectiva reforça a necessidade de práticas pedagógicas que favoreçam a emancipação dos sujeitos, indo ao encontro das propostas da pedagogia crítica.

Assim, percebe-se que a educação, quando orientada por princípios emancipatórios, pode se tornar um instrumento poderoso na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A articulação entre metodologias ativas e a perspectiva crítica da educação possibilita um ensino mais dinâmico e significativo, que contribui para a formação de indivíduos capazes de questionar e transformar a realidade em que estão inseridos.

Em sua obra *Pedagogia da Esperança* (1994), Paulo Freire retoma e reafirma os princípios de sua pedagogia de liberdade, salientando a importância de que o educador se reconheça como um sujeito político e comprometido com a transformação da sociedade. Freire argumenta que a pedagogia não pode se limitar ao cumprimento de um currículo acadêmico preestabelecido, mas deve ser uma prática que envolva os alunos em um processo

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

de crítica e conscientização contínuos, levando-os a questionar as injustiças que permeiam o cotidiano e a buscar formas de ação para alterá-las.

Por fim, é necessário compreender a educação não apenas como um meio para a aquisição de habilidades e conhecimentos formais, mas como um espaço de protagonismo do sujeito em sua trajetória de emancipação. Em um mundo em que as dinâmicas sociais e políticas estão em constante transformação, a educação deve ser dinâmica, crítica e transformadora.

Metodologias Ativas e Educação Emancipadora: Sujeitos ativos em sua libertação social

A sociedade, em sua dinâmica contínua, transforma-se de maneira incessante, acompanhando o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas, culturais e sociais que marcam cada novo período histórico. Nesse processo de constante evolução, os sujeitos não são apenas observadores passivos, mas atuam como agentes dessa transformação, engajando-se ativamente nas modificações e, simultaneamente, sendo moldados por elas.

Dentro desse contexto, a educação, como elemento intrínseco à configuração social, também se reinventa e se adapta às novas exigências e realidades, refletindo as constantes alterações do mundo ao seu redor. No século XXI, a aceleração das mudanças, impulsionada principalmente pelos avanços tecnológicos e pelas novas demandas da sociedade globalizada, impõe à escola a necessidade de se reconfigurar, buscando novos métodos e práticas pedagógicas que possam responder aos desafios contemporâneos.

A rapidez das transformações que caracterizam as últimas décadas exige que os sistemas educacionais se ajustem, promovendo mudanças substanciais na organização das salas de aula e nos modelos de ensino. O ensino tradicional, caracterizado por práticas pedagógicas rígidas e estagnadas, não consegue mais atender às exigências de um mundo em constante transformação. As metodologias ativas surgem, nesse cenário, como uma resposta inovadora a esse desafio, representando uma tentativa de romper com as estruturas arcaicas do ensino e de resgatar a conexão da educação com as necessidades e realidades dos estudantes. Ao adotar essas metodologias, a educação se torna mais dinâmica, engajante e voltada para o desenvolvimento integral do aluno, o que inclui o seu protagonismo no processo de aprendizagem.

Essas metodologias, baseadas em um conjunto de práticas pedagógicas que colocam o aluno como o principal agente do seu aprendizado, visam transformar a dinâmica

tradicional da sala de aula. O estudante deixa de ser um mero receptor de informações e passa a ser um participante ativo, responsável pela construção do próprio conhecimento. Nesse processo, ele se torna um pensador autônomo, capaz de refletir criticamente, tomar decisões informadas e, principalmente, compartilhar o conhecimento de forma colaborativa.

A proposta das metodologias ativas está intimamente ligada ao conceito de “aprender fazendo” (learning by doing), desenvolvido por John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano que, na década de 1930, destacou a importância da aprendizagem prática e experiencial no desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de resolução de problemas. Dewey defendia que a educação não deveria se restringir à transmissão de conteúdos, mas sim permitir que o aluno participasse ativamente da construção do conhecimento, por meio da exploração, da experimentação e da reflexão sobre suas experiências.

A concepção de “aprender fazendo” vai além da simples ideia de realização de tarefas práticas. Ela propõe uma mudança fundamental na abordagem pedagógica, incentivando o aluno a ser protagonista de sua aprendizagem, ao mesmo tempo em que o professor assume o papel de orientador e mediador. O docente não é mais o único detentor do saber, mas um facilitador que cria condições para que o estudante descubra, compreenda e internalize o conhecimento de forma mais significativa e contextualizada. Nesse sentido, o ensino se torna mais interativo e colaborativo, e o ambiente de aprendizagem se configura como um espaço de troca, reflexão e construção conjunta do saber.

Essa abordagem pedagógica tem sido amplamente aplicada em universidades, especialmente em cursos voltados à área da saúde, onde a aprendizagem prática e a vivência direta com os desafios da profissão são fundamentais para a formação dos futuros profissionais. No entanto, o uso das metodologias ativas vai além da educação superior e pode ser integrado em diversos níveis e contextos educacionais, desde o ensino básico até a formação continuada de profissionais.

A proposta das metodologias ativas, juntamente com o conceito de “learning by doing”, busca não apenas o engajamento do estudante, mas também a valorização de sua curiosidade e de seu potencial crítico. A aprendizagem, nesse contexto, não se limita à memorização de conteúdos, mas se expande para a vivência de situações reais, a resolução de problemas e a capacidade de reflexão sobre o conhecimento adquirido. O docente,

portanto, assume a responsabilidade de orientar, mediar e promover o desenvolvimento do aluno, garantindo que ele se aproprie dos saberes de maneira significativa, autônoma e crítica.

Esses princípios fundamentais configuram as metodologias ativas como ferramentas poderosas para o desenvolvimento de competências essenciais no século XXI, como a capacidade de trabalhar de forma colaborativa, a resolução de problemas complexos, o pensamento crítico e a adaptação às mudanças rápidas do mundo contemporâneo. Ao integrar o aluno de forma mais ativa no processo educativo, essas metodologias promovem uma educação mais significativa, voltada para a formação de cidadãos autônomos, críticos e preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade em constante mudança.

O quadro a seguir, conforme Diesel, Baldez e Martins (2017), apresenta alguns dos princípios fundamentais das metodologias ativas, que reforçam a importância da participação ativa do aluno, da resolução de problemas e do aprendizado experiencial.

Figura 1 – Princípios das metodologias ativas



Fonte: Diesel, Baldez e Martins (2017, p.273).

Como ilustrado na imagem, nas metodologias ativas, o aluno ocupa o centro do processo de ensino-aprendizagem, sendo a sua aprendizagem o foco da ação pedagógica. O professor, por sua vez, assume o papel de mediador, facilitando o processo e orientando o aluno para que ele se torne um sujeito autônomo, crítico e reflexivo. Este modelo pedagógico de aprendizagem ativa, como destacado por Bacich e Moran (2018), envolve uma inter-relação entre a educação, cultura, sociedade, política e a escola. A metodologia ativa é caracterizada por métodos dinâmicos e criativos que se concentram na atividade do aluno, com o objetivo de proporcionar uma aprendizagem efetiva e significativa.

Segundo Luchesi, Oliveira e Santos (2022), o professor, dentro desse modelo, desempenha uma função de facilitador. Suas responsabilidades incluem provocar o aluno, construir e compreender junto a ele, além de orientá-lo no processo de transformação da sua realidade. O aluno, por sua vez, é incentivado a adotar uma postura ativa, engajando-se no processo de autoaprendizagem, pesquisa, tomada de decisões e reflexão, desenvolvendo atitudes críticas e construtivas que o preparem para sua futura prática profissional.

Essas metodologias se distanciam de um ensino tradicional, que coloca o professor como o único detentor do conhecimento, sendo o principal transmissor de saberes. Em contraste, as metodologias ativas proporcionam aos alunos oportunidades de engajamento ativo e envolvimento com o conteúdo, permitindo que eles construam seu conhecimento de maneira mais significativa e contextualizada. Como afirmam Valente, Almeida e Geraldini (2017), as metodologias ativas são estratégias pedagógicas que criam condições para que os alunos se envolvam de maneira mais ativa, desenvolvendo habilidades cognitivas e estabelecendo conexões com o contexto em que estão inseridos.

Um aspecto importante a ser destacado é a relação entre as metodologias ativas e as ideias de Paulo Freire (2015) sobre uma educação emancipadora. Para Freire, a educação não pode ser uma via de mão única, onde o professor detém todo o saber e o aluno é apenas um receptor passivo. Em vez disso, a relação entre o docente e o aluno deve ser baseada no diálogo, respeito mútuo e reconhecimento da realidade do aluno como ponto de partida para a aprendizagem. Essa visão converge com as metodologias ativas, que colocam o aluno no centro do processo, valorizando suas experiências e saberes prévios.

Em consonância com a visão de Freire, Berbel (2011) reforça que as metodologias ativas têm um papel fundamental no engajamento do aluno com o processo de aprendizagem. Para ele, a escolha do aluno, seu interesse e compreensão são elementos essenciais para promover sua autonomia e liberdade nas tomadas de decisão, o que o prepara para sua futura prática profissional.

É importante notar que o termo “metodologia ativa” não deve ser entendido no singular, mas sim no plural, pois existem diversas abordagens metodológicas, cada uma com suas próprias características e objetivos, todas com o foco no protagonismo discente. Como afirmam Santos e Castaman (2022), as metodologias ativas englobam uma gama de métodos que têm em comum o desenvolvimento da participação ativa do estudante como sendo

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

“qualquer prática pedagógica planejada e contextualizada para guiar o estudante em seu papel de ator ativo pode ser considerada uma metodologia ativa”.

Barros, Santos e Lima (2017) acrescentam que as metodologias ativas envolvem uma diversidade de ferramentas pedagógicas que visam não apenas a construção do conhecimento, mas também o desenvolvimento de habilidades essenciais como comunicação, responsabilidade, liderança, respeito mútuo, entre outras. Essas metodologias podem ser adaptadas de acordo com os objetivos educacionais e podem ser aplicadas de maneiras diversas, atendendo às necessidades e características dos alunos.

De acordo com Lovato *et al.* (2018), há uma variedade de metodologias ativas que podem ser implementadas em sala de aula, e cada uma delas oferece diferentes oportunidades para que os alunos se envolvam de maneira prática e significativa com o conteúdo, como de acordo ao quadro abaixo.

Quadro 1 – Metodologias ativas na educação.

Metodologia ativa	Execução
Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem-Based Learning – PBL)	Divisão dos grupos de trabalhos e apresentação da situação-problema ao grupo de estudantes que tentam solucioná-lo por meio de seus conhecimentos prévios; Identificação dos aspectos do problema que não foram possível compreender; Organizam e planejam como resolver as questões que ficaram por compreender; Revisitam as questões não compreendidas e tentam reponde-las, agora, com base nos novos conhecimentos adquiridos a partir das pesquisas feitas; Por fim, os grupos se autoavaliam e avaliam o desenvolvimento da atividade, as aprendizagens, os pontos positivos e negativos.
Problematização	Muito semelhante a Aprendizagem baseada em problemas; Identificação inicial do problema pelos estudantes a partir de suas realidades vivenciadas; tentativa de resolução.
Arco de Maguerez	Observação da realidade e identificação do problema; Definição dos pontos a serem analisados; Teorização do problema; levantamento das hipóteses de resolução da problemática; Aplicação dos resultados à realidade.
Aprendizagem Baseada em Projetos (Project-Based Learning)	Divisão dos grupos de trabalhos com número reduzido; Prazos bem definidos e claros; colha dialogada dos temas (professor e alunos devem entrar em um acordo); Utilização dos recursos disponíveis e busca por outros plausíveis; Socialização dos resultados.

Aprendizagem Baseada em Times (Team-Based Learning – TBL)	Divisão de grupos heterogêneos de até 8 alunos, que deve ser mantida durante toda a execução da atividade; Delimitação do tema a ser debatido, sugerido pelos próprios alunos; Levantamento das questões a serem discutidas; Compartilhamento das respostas com a turma, por meio da revisão das questões levantadas.
Instrução por Pares (Peer-Instruction)	Divisão da turma em pares, duplas bem distintas. Definição dos temas/conteúdo a serem discutidos; Discussão entre as duplas de forma que os dois estudantes da dupla apresentem o conteúdo ao colega; Compartilhamento dos resultados.
Sala de Aula Invertida (Flipped Classroom)	Comunicação da aula e envio dos conteúdos aos estudantes feito pelos professores de maneira prévia; Estudo dos materiais disponibilizados; Realização da aula, iniciando-se com a participação total dos estudantes, que podem apontar as dúvidas que surgiram ao ler os materiais ou realizar colocações a respeito do que compreenderam.

Fonte: adaptado de Lovato et al. (2018).

Essa diversidade de abordagens permite que a educação se torne mais dinâmica e adaptada ao perfil dos estudantes, promovendo um aprendizado mais relevante e conectado à realidade de cada um. Essas metodologias ativas são apenas algumas das abordagens que podem ser adotadas nas salas de aula para reafirmar a posição proativa do estudante no processo educativo. Os desafios que se apresentam aos educandos exigem respostas baseadas em suas atitudes criativas, conhecimentos prévios e experiências de vida. Por isso, é fundamental que o estudante adote uma postura de curiosidade e pesquisa, como discutido por Freire (2015) e Demo (2006). Este último defendia que a aprendizagem significativa se dá quando os sujeitos são estimulados a propor, questionar, criticar e refletir sobre as situações, permitindo-lhes uma participação ativa na construção do conhecimento.

Ainda assim, as metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem cooperativa e a sala de aula invertida, mostraram-se promissoras para promover a autonomia dos alunos e estimular sua participação ativa na construção do conhecimento. Essas abordagens estão alinhadas ao conceito de educação emancipadora, que propõe a formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de refletir sobre sua realidade e agir de forma transformadora no contexto social.

As metodologias ativas também dialogam com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), especialmente considerando a crescente imersão dos estudantes e das escolas na cultura digital. Esse fenômeno, presente em praticamente todos os espaços

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

sociais, tem integrado as práticas educativas de maneira significativa. A adequação das metodologias ativas ao trabalho pedagógico dos professores está relacionada à superação da ideia de que o livro didático é o único recurso válido para o ensino. Com as TICs ou as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), o acesso à informação torna-se mais rápido e, em alguns casos, mais acessível. Quando utilizadas de forma adequada, essas tecnologias podem ser grandes aliadas nas metodologias ativas, principalmente pela possibilidade de acesso a fontes diversas durante o estudo, tanto dentro como fora do ambiente escolar.

Almeida e Valente (2012) observam que, por meio da utilização das TICs, o desenvolvimento curricular pode ultrapassar as fronteiras físicas da sala de aula e das instituições de ensino. As TICs permitem que o aprendizado se expanda para além dos conteúdos preestabelecidos nos livros didáticos e outros materiais convencionais, conectando os alunos a diferentes espaços de saber e acontecimentos do cotidiano, tornando públicas experiências, valores e conhecimentos que antes estavam restritos ao ambiente físico da aula (Almeida; Valente, 2012).

Embora os autores mencionados reforcem a importância das TICs, é relevante também desmistificar a ideia de que as metodologias ativas dependem exclusivamente dessas tecnologias. Embora a cultura digital faça parte do cotidiano escolar e algumas metodologias se beneficiem das TDICs, isso não é um pré-requisito para todas as abordagens. Bacich e Moran (2018) ressaltam que a concepção de metodologias ativas surgiu antes da popularização das TDICs, estando diretamente ligada aos preceitos da Escola Nova, defendidos por William James, John Dewey e Édouard Claparède, que propunham um ensino baseado na experiência e no desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

O campo de atuação das metodologias ativas é vasto, e sua incorporação não se restringe ao uso de tecnologias digitais e informacionais. Elas são ferramentas poderosas para a prática pedagógica, permitindo a criação de aulas dinâmicas e autênticas nas quais os alunos desempenham o papel de protagonistas de sua aprendizagem. Esse protagonismo, conforme Berbel (2011), é uma maneira de potencializar a curiosidade dos estudantes, à medida que eles se envolvem no processo de teorização e trazem novos elementos que ainda não haviam sido considerados, tanto nas aulas quanto pela perspectiva do próprio professor (Berbel, 2011).

As metodologias ativas são reconhecidas por sua diversidade de abordagens e possibilidades de aplicação. Quando corretamente implementadas, elas se tornam poderosas ferramentas de aprendizagem, capazes de desenvolver habilidades autônomas e criativas nos alunos, promovendo uma educação mais relevante e adaptada às demandas contemporâneas. A reflexão sobre esses aspectos é essencial para compreender o potencial transformador das metodologias ativas, especialmente no que diz respeito à emancipação humana e à formação de sujeitos críticos e autônomos.

Considerações finais

A inter-relação entre as metodologias ativas e a emancipação humana manifesta-se de maneira substancial por meio da educação, que, ao almejar a emancipação, revela sua mais elevada aspiração. A emancipação, nesse contexto, transcende a mera transmissão de conhecimento, refletindo um processo pedagógico que visa ensinar para e pela liberdade do sujeito. Esse movimento emancipatório busca libertar os indivíduos das amarras impostas pelas forças dominantes da sociedade, que estruturam uma realidade em que uma minoria elitista e excludente detém o poder, subjugando a maioria e perpetuando uma ordem social profundamente desigual.

A luta pelo “desfazer dos nós” que sustentam essa estrutura opressora torna-se um imperativo na arena social. A educação, entendida como um princípio emancipatório, configura-se como a ferramenta essencial para a defesa dos interesses dos grupos marginalizados, que, oprimidos pelos valores de submissão e controle, têm na educação a chave para a transformação de suas condições existenciais. Nesse sentido, a educação, ao promover o pensamento crítico e a reflexão, não apenas desafia, mas também ressignifica as relações de poder, tornando-se um veículo de resistência contra as estruturas dominantes.

É nesse cenário de transformação e de questionamento da ordem vigente que se torna imprescindível a implementação de novas práticas pedagógicas. Tais práticas devem se afastar da alienação dos sujeitos e se alinhar com os princípios de uma sociedade mais justa, equânime e consciente. Essas abordagens pedagógicas devem não apenas garantir o acesso ao conhecimento, mas também capacitar os sujeitos a compreenderem e se reconhecerem no contexto social em que estão inseridos. Trata-se de formar indivíduos críticos, capazes de discernir as dinâmicas sociopolíticas e de refletir sobre as condições históricas que moldam o presente. O desenvolvimento de uma postura reflexiva, crítica e ativa, portanto, torna-se

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

essencial para o enfrentamento dos desafios contemporâneos e para a construção de uma sociedade mais justa, na qual a liberdade e a igualdade sejam valores intrínsecos à convivência social.

Nesse processo transformador, as metodologias ativas se apresentam como alternativas eficazes ao modelo de ensino tradicional, marcado por uma abordagem rígida e pragmática. Elas superam o ensino centrado unicamente na transmissão de conteúdos, propondo uma aprendizagem que coloca o aluno no centro do processo educativo. Ao incentivar a participação ativa, a pesquisa autônoma e a reflexão, as metodologias ativas favorecem o desenvolvimento de um sujeito capaz de construir seu próprio saber, não apenas como receptor de informações, mas como protagonista do seu processo de aprendizagem. Nesse modelo, o aluno assume um papel de agente transformador, utilizando a educação como ferramenta para se emancipar e para compreender as complexas dinâmicas que moldam a sociedade contemporânea.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que a aplicação dessas metodologias, ao estimular a participação ativa dos alunos e a resolução de problemas reais, contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais. Além disso, ao colocar o aluno no centro de seu processo de aprendizagem, as metodologias ativas promovem a construção de um conhecimento mais significativo e alinhado com as exigências da sociedade atual.

Dessa maneira, as metodologias ativas, ao promoverem um ensino mais dinâmico e envolvente, tornam-se essenciais para a formação de indivíduos preparados para lidar com as exigências do mundo moderno. Elas se alinham com a necessidade de uma educação que desenvolva a capacidade de adaptação, a reflexão crítica e a autonomia, habilidades indispensáveis para que o indivíduo participe de forma ativa na transformação de sua realidade e na construção de um futuro mais equânime.

Portanto, é imperativo que a educação, enquanto prática transformadora, busque consolidar a emancipação humana por meio de metodologias pedagógicas que desafiem as estruturas sociais e políticas que sustentam as desigualdades. A educação, ao ser entendida como um processo de formação integral e reflexiva, deve caminhar junto à emancipação, reconhecendo que o ato de educar é, simultaneamente, um ato de libertação. Nesse contexto, as metodologias ativas desempenham um papel crucial, pois, ao defenderem o protagonismo discente e a autonomia do estudante, oferecem os instrumentos necessários

para que a educação se configure como um processo emancipatório, capaz de moldar sujeitos críticos, conscientes de seu papel na sociedade e aptos a atuar de maneira transformadora no mundo em que vivem.

Assim, a integração entre educar e emancipar torna-se uma via imprescindível para o alcance de uma sociedade mais justa e equitativa, na qual a educação seja entendida como um meio para a liberdade, a dignidade humana e a construção de um futuro coletivo mais inclusivo.

Por fim, faz-se imprescindível esclarecer que, ao adotar essa perspectiva, é necessário reconhecer que essas estratégias formativas também dialogam com demandas contemporâneas de mercado. Ao enfatizar a autonomia individual e a responsabilização dos estudantes por seu próprio percurso, corre-se o risco de reforçar uma lógica neoliberal, na qual a educação é vista menos como um direito social garantido pelo Estado e mais como uma responsabilidade individual voltada para a empregabilidade e para a adaptação flexível às dinâmicas do mercado de trabalho.

Dessa forma, embora as metodologias ativas tenham um grande potencial formativo, é necessário um olhar atento e crítico sobre seu uso. É fundamental que o protagonismo juvenil não se restrinja à adaptação às lógicas mercadológicas, mas que também seja orientado para a formação de sujeitos críticos, capazes de questionar, propor e transformar a sociedade em que vivem.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.3, p.57-82, set./dez 2012. Disponível em: http://www.waltenomartins.com.br/pmd_aula1_arto1.pdf. Acesso em: 03 dez. 2024.

BACICH, Lilian; Moran, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto alegre: penso, 2018.

BARROS, Karla Bruna Nogueira Torres.; SANTOS, Sandna Larissa Freitas dos.; LIMA, Gláucia Posso. Perspectivas Da Formação No Ensino Superior Transformada Através De Metodologias Ativas: uma revisão narrativa da literatura. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, p. 65-76, mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.472>. Acesso em: 01 dez.2024.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 25–40, 2012. DOI: 10.5433/1679-0383.2011v32n1p25. Disponível em:

Metodologias ativas na educação: concepções dialógicas no processo de emancipação humana

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>. Acesso em: 3 jan. 2024.

COSTA, Bruno Botelho. Paulo Freire: educador-pensador da libertação. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1, p. 93-110, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/pdZz6q8xSKKLV5GPMrKqgZb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 dez.2024.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos.; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017. DOI: 10.15536/thema.14.2017.268-288.404. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 3 jan. 2024

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. April 2, 2010. Disponível em: Acesso em: 2 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**: 51º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 2 jan.2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

LOVATO, Fabricio Luís et al. Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. **Acta Scientiae**, v.20, n.2, mar./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/3690/2967>. Acesso em: 27 out. 2023.

LUCESI, Bruna Moretti; LARA, Ellys Marina de Oliveira; SANTOS, Mariana Alvina dos. **Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2022. Disponível em:<<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4667/6/4%20%20GUIA%20PR%C3%81TIC%20DE%20INTRODU%C3%87%C3%83O%20%C3%80S%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%20DE%20APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2023.

MARTINS, Evandro Silva. A ETIMOLOGIA DE ALGUNS VOCÁBULOS REFERENTES À EDUCAÇÃO. **Olhares & TrilhaS**, Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 31-36, 2005. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/download/3475/2558/12930#:~:text=Educare%2C%20no%20latim%2C%20era%20um,da%20vir%2D%20tualidade%20%C3%A0%20realidade>. Acesso em: 29 dez. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Rosana Helena; SANTCLAIR, DIlubia; SILVA, Kleber Aparecido da. Freire e o legado para a educação brasileira: entrevista póstuma. **Filos e Educ.**, Campinas, SP, v.13, n.2, p.2397-2418, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8665854/27446>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SANTOS, Danielle Fernandes Amaro dos; CASTAMAN, Ana Sara. Metodologias ativas: uma breve apresentação conceitual e de seus métodos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 334–357, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/20185>. Acesso em: 3 jan. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 45. ed. Campinas: Autores Associados, 2019.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Flogi Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, jun. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189154955008.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Nota

ⁱ É importante esclarecer que, apesar da proximidade entre as discussões de John Dewey e Paulo Freire, os dois principais expoentes da educação centrada na participação ativa do estudante, suas concepções divergem em alguns quesitos. John Dewey elabora sua concepção pedagógica a partir de uma perspectiva liberal, na qual a educação é vista como meio de adaptação do indivíduo à vida democrática e social. Em contrapartida, Paulo Freire afasta-se da perspectiva liberal ao compreender a educação como prática de liberdade, orientada para a transformação das condições de opressão. A pedagogia freireana, portanto, não apenas reconhece a opressão como elemento constitutivo das relações sociais, mas propõe a educação como um instrumento de luta e emancipação.

Sobre os autores

Carmita Luzia Tomaz

É mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora no Colégio Estadual de Paramirim – Paramirim, BA (CEP).

E-mail: carmitatomaz@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3523-2827>

Fabício Carvalho da Silva

É doutor em Ciência da Propriedade Intelectual pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Piauí – Campus Dirceu Arcoverde, PI.

E-mail: fabriciocarvalho@ifpi.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4717-8434>

Recebido em: 02/04/2025

Aceito para publicação em: 30/04/2025